

**CADERNOS DE PARIS****NOTEBOOK FROM PARIS**Maria do Ceu Diel de Oliveira<sup>1</sup>

Para falar dos desenhos.... enquanto percorro os caminhos para as livrarias e museus meus olhos saltavam das árvores secas do inverno para flores incontáveis nos canteiros das estradas, a vendemmia do outono e o vento úmido do inverno na montanha. Passavam rápido também os rostos de muitas pessoas, das bibliotecárias, dos porteiros de hotel, dos livreiros e dos bilheteiros de trem, que se misturam aos retratos dos museus, do Capodimonte ou do Louvre, nos rostos borrados daqueles que estavam nos aeroportos, nos terminais de ônibus e nos cafés, nos inúmeros cafés que entrei para fugir do vento ou do calor que emanava dos calçamentos no verão da Europa. Vejo rostos de frente enquanto caminho, salto ou vôo na bicicleta emprestada, de baixo para cima quando encolho-me nos degraus de igrejas e templos desproporcionais ou do alto, enquanto olho pela janela dos museus para ver as multidões moverem-se no feriado na avenida logo abaixo, nas filas e paradas militares. Todas estas centenas de cabeças também habitam esta paisagem da memória e caminham comigo enquanto folheio manuscritos de Ariosto, leio as lápides do cemitério judeu, bafejo vapor morno as mãos geladas enfiadas no casaco pesado e pouco adequado ou quando refreio o passo aqui e ali para apoiar-me numa coluna ou muro de ponte, para desenhar e fotografar. Rostos, vozes, línguas, sotaques, hálitos, cheiros e formas de letras, texturas de papéis e indicações velozes de metrô e trem... tentando concentrar-me para não perder as indicações, girar a direita e a esquerda, sinistra, destra, terzo piano, prima porta...Recordo dos objetos: muros cobertos de cartazes de cinema, cortinas de veludo, coleções de armaduras, escadas simétricas de mármore gasto, vitrines com amпуlhetas e espelhos convexos, cadernos de capa mole, talões de bilhetes para diferentes meios de transporte, tapeçarias, xícaras bordejadas de dourado e azul, leques de sândalo e latas de peixe marinado. Os objetos pesados quase não deixaram imagens, de tão pesados que fossem são agora tão leves: correntes de bicicletas, pacotes de livros, sacos com laranjas, escadas de madeira, malas e caixas, metros de papel e cestos de corda. Pensamentos também pesavam: como os que me acometiam enquanto estudava ou pintava, enquanto ouvia as vozes entrecortadas da família e amigos ao telefone, os problemas e receios que nasciam durante a noite no país dos pesadelos para despertarem-me de dia, revigorados. De tudo isto eu gostaria de falar enquanto desenho, como se cada palavra pudesse girar entorno de si e esboçasse uma geometria translúcida, onde o que está em cima ou embaixo colorisse o rodopio dos corpos em agitação, das coisas pingadas aqui e ali, deixadas, divididas, entendidas ou sussurradas. Porém os desenhos foram perdendo a inocência e sentido e eu teria que juntar tantos para me fazer entender e ainda seria pouco para o que vi e senti.

Mas houve também o silêncio.

---

<sup>1</sup> Dra Maria do Ceu Diel de Oliveira e professora da EBA-UFMG. [mariadiel@gmail.com](mailto:mariadiel@gmail.com)



























